



A AQUISIÇÃO DA POSIÇÃO DO VERBO EM INGLÊS E ALEMÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO

THE ACQUISITION OF VERBS IN ENGLISH AND GERMAN:
A COMPARATIVE STUDY

Carolina Lacerda Medeiros¹
Universidade Estadual de Campinas

Resumo: A literatura que discute a sintaxe do verbo nas línguas naturais em geral assume que as línguas V2 são aquelas em que o verbo flexionado ocupa a segunda posição na sentença, sendo a primeira posição ocupada por qualquer outro elemento. O alemão, assim como outras línguas germânicas, é caracterizado como uma língua de tipo V2. O inglês, por outro lado, não apresenta a ordenação de constituintes segundo a qual o verbo obrigatoriamente ocupa a segunda posição na sentença, tendo sido considerado uma língua V2 apenas em seu período arcaico. Este artigo procura fazer um breve estudo comparativo analisando a fala de duas crianças, uma adquirindo o alemão e uma adquirindo o inglês britânico, em diferentes momentos (1;9 até 3;3). Com base na tipologia de Vikner (1995) temos como objetivo verificar até que ponto as duas línguas se assemelham, no âmbito da sintaxe, e em que momento passam a se comportar como línguas distintas no que respeita à posição do verbo uma vez que, linearmente, o inglês apresenta o verbo em segunda posição nas sentenças simples. Como hipótese, temos que um ponto decisivo para a diferenciação das duas gramáticas seria a aquisição de encaixadas. Desse modo, a criança que adquire o alemão começaria a apresentar traços de uma gramática V2 a partir do momento em que adquire sentenças encaixadas, dado que, diferentemente do inglês, esta língua não apresenta verbo em segunda posição nas subordinadas. A criança adquirindo o inglês, por outro lado,

¹ cslmedeiros@gmail.com

mantém a ordem V2 linear nas encaixadas. O *corpus* utilizado neste trabalho é oriundo da base CHILDES e pode ser acessado *online*. O quadro teórico se baseia na noção de Gramática de Chomsky (1985), convencionada como Língua-I, que remete à possibilidade de se gerarem estruturas linguísticas e não, por exemplo, a um certo inventário de estruturas. Tais possibilidades são limitadas pela Gramática Universal, parte das faculdades inatas do ser humano, que dispõe de princípios imutáveis e parâmetros que podem ser fixados diferentemente em gramáticas particulares, determinando, assim, os limites de variação entre essas gramáticas (Chomsky & Lasnik 1993). Cada gramática particular, neste sentido, representa uma determinada parametrização dos princípios da Gramática Universal. A gramática do falante, na teoria gerativa, será, portanto, uma entidade individual: uma gramática particular internalizada na mente de cada indivíduo.

Palavras-Chave: Aquisição da Linguagem; V2; Sintaxe Comparativa; Gramática Gerativa.

Abstract: *The literature usually assumes that V2 languages are those in which the finite verb is on second position on the sentence, like it is in German. English, on the other hand, does not present the same linearization, so Vikner (1995) classified it as a residual V2-language. This paper aims to provide a comparative study analyzing the speech of two children, one acquiring German and the other acquiring European English, in different moments (1;9-3;3). Based on Vikner's typology, we try to verify how these two languages are syntactically alike and in which moment they begin to behave like different grammars, in what concern verb position, since, linearly, English also presents the verb in second position in matrix sentences. As a hypothesis, we believe that a crucial point in this differentiation would be the acquisition of subordinate sentences. In this sense, the child acquiring German would start presenting V2 grammar traces on the moment s/he acquires subordinate sentences, since, unlike English, this grammar do not present V2 in subordinate structures. The child acquiring English, on the other hand, would maintain the V2 linearization on subordinate sentences. This work is based on the CHILDES corpus, which can be accessed online. The theoretic framework is based on Chomsky's (1985) notion of Grammar as I-Language, that refers to the possibility to generate language structures and not, for example, a certain inventory of structures. Those possibilities are limited by the Universal Grammar, part of human's innate faculties, that is formed by immutable principles and parameters that can be differently fixed by different particular grammars determining the limits of language variation between those grammars. In this sense, each particular grammar represents a different parametrization of the Universal Grammar's principles. Each speaker's grammar, in this sense, will be an individual entity: a particular grammar internalized in the individual's mind.*

Keywords: *Language Acquisition; V2; Comparative Syntax; Generative Grammar.*

1. A SINTAXE DO VERBO: O FENÔMENO V2

Línguas V2 são aquelas em que o verbo flexionado ocupa a segunda posição na sentença, sendo a primeira posição ocupada por qualquer outro constituinte sintático. No quadro da Gramática Gerativa a ordem V2 é frequentemente interpretada como o resultado do movimento do verbo finito para C e do fronteamento de algum XP para [spec, CP] (Den Besten 1983; Vikner 1995). Observem-se os exemplos do alemão, abaixo:

- (1) a. **Maren** kaufte einen Bleistift.
Maren comprou um lápis.

-
- b. **Einen Bleistift** kaufte Maren.
Um lápis comprou Maren.
- c. **Gestern** kaufte Maren einen Bleistift.
Ontem comprou Maren um lápis.

Os exemplos acima demonstram que em línguas germânicas, como o alemão, o verbo é precedido por um XP, seja qual for a sua função gramatical: em 1(a), a posição à esquerda do verbo é ocupada por um NP com função de sujeito, *Maren*; em 1(b) a primeira posição é ocupada por um NP com função acusativa, *einen Bleistift*²; em 1(c) o elemento que aparece em primeira posição é um AdvP, *gestern*.

Em sentenças subordinadas de línguas como o alemão e o holandês o verbo não se move para C, uma vez que essa posição já está preenchida, portanto, não há V2³. Porém, outras línguas, como o iídiche e o islandês, apresentam ordem V2 também em sentenças encaixadas. Na literatura, a ocorrência de V2 em sentenças não-matriz tem sido analisada ou como resultado da recursividade de CP ou como movimento de V para I: Vikner (1995:65), utilizando como ponto de partida a análise clássica de V2 como movimento de V para C, propõe a seguinte tipologia para as línguas V2:

- a. Línguas de V2 residual (*residual V2 languages*): a ordem V2 só ocorre em determinados contextos, como no inglês, que apresenta o verbo obrigatoriamente em segunda posição em contextos de interrogativas e construções com negação topicalizada.
- b. Línguas de V2 assimétrico (*asymmetric V2 languages*): línguas como o alemão e o holandês, que apresentam construções com ordem V2 em todas as sentenças matriz, porém, em sentenças encaixadas, o verbo ocupa a posição final, uma vez que a segunda posição é ocupada por um complementizador.
- c. Línguas de V2 limitado em encaixadas (*limited embedded V2 languages*): exibem o mesmo padrão das línguas de V2 assimétrico para as frases matriz e encaixadas e, adicionalmente, apresentam frases V2 encaixadas

² A marcação de Caso morfológico em alemão permite que os sintagmas sejam movidos para diferentes posições sem que haja prejuízo na interpretação. Por exemplo, a terminação de acusativo –en do artigo definido *ein* permite identificar o DP *einen Bleistift* como o objeto direto da sentença.

³ Com exceção de frases encaixadas introduzidas por verbos ponte, como *sagen* (dizer) ou *glauben* (acreditar).

em complementos sentenciais de verbos-ponte⁴. São exemplos desse tipo de língua o dinamarquês, o norueguês, o sueco e o feroês.

- d. Línguas de V2 simétrico (*symmetric V2 languages*): apresentam ordem V2 em todas as sentenças matriz e encaixadas, como o islandês, o iídiche e o francês antigo.

Dos tipos de línguas V2 elencados por Vikner, aqui interessam especialmente as de V2 residual e as de V2 assimétrico. Como exemplo de V2 residual, o inglês é uma língua que apresenta obrigatoriamente o verbo em segunda posição estrutural em contextos de interrogativas⁵ e construções com negação topicalizada, como se observa nos exemplos do inglês e do alemão abaixo, retirados de Vikner (1995:48), em que o verbo sublinhado está em C⁶:

- (2) a. *What the children have seen?
b. What have the children seen?
c. Was haben die Kinder gesehen?
O que tem as crianças visto?
- (3) a. *Never the children have seen such a bad film.
b. Never have the children seen such a bad film.
c. Nie haben die Kinder so einen schlechten Film gesehen.
Nunca tem as crianças um tão ruim filme visto.

No âmbito da aquisição da linguagem, a tipologia apresentada acima rende uma discussão interessante, uma vez que, linearmente, todas as línguas supracitadas apresentam ordem V2 nas frases matriz. Em que momento o falante identificaria, portanto, a que tipo de V2 sua língua materna pertence?

⁴ Verbos que permitem extração de seu complemento à longa distância (ambientes de ilha fraca); ver nota 8.

⁵ Além de apresentar V2 linear na maioria das sentenças.

⁶ Vale ressaltar também que o inglês britânico apresenta ainda mais contextos de V2 residual do que o inglês americano. Note-se, por exemplo, a inversão com verbos como *have*: construções do tipo "*have you any Money on you?*" são mais produzidas no inglês britânico, ao passo que no inglês americano o mais comum seria uma estrutura como "*do you have any Money?*".

2. CATEGORIAS FUNCIONAIS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

2.1. Teorias da aquisição da linguagem

Os primeiros estágios da linguagem infantil diferem bastante da gramática adulta, especialmente no que se refere às marcações de concordância, ordem de palavras e ausência de verbos modais (Müller 1994:235). Tais observações podem levar à hipótese de que a gramática infantil viola princípios da Gramática Universal, contudo, se certas opções são parametrizadas e, por isso, precisam estar especificadas durante o processo de aquisição, a criança deve explorar toda uma gama de dados de fala em variação para, então, definir os parâmetros corretos para a língua que está adquirindo. Essa variação é observada principalmente em relação às categorias funcionais, se a proposta de Chomsky (1989) de que a parametrização está relacionada a categorias funcionais estiver correta.

As línguas variam de acordo com os traços gramaticais que selecionam⁷, mais especificamente, de acordo com a distribuição dos traços gramaticais através das diferentes posições sintáticas disponíveis (Felix 1990). Um exemplo disso seria a distribuição do operador de finitude [F+] (cf. Platzack & Holmberg 1989). De acordo com Müller (1994), se tais assunções estiverem corretas, é razoável assumir que as categorias funcionais podem estar indisponíveis em estágios mais primários do desenvolvimento da linguagem e que os traços gramaticais abstratos da gramática infantil podem ser distribuídos de modo que desviem de sua versão adulta, em que essas opções são permitidas pela Gramática Universal. Desse modo, Müller (1994) sugere que o desenvolvimento das categorias funcionais é caracterizado pela exploração das opções oferecidas pela Gramática Universal pela criança; mais especificamente, alguns traços gramaticais podem estar faltando nos períodos mais precoces e podem ser distribuídos posteriormente quando a criança descobre sua relevância para a língua que está adquirindo.

Outras hipóteses, como a Hipótese da Frase Curta (*Short Clause Hypothesis*), proposta por Clahsen (1991), Meisel & Müller (1992) e outros, propõem que as crianças possuem uma ou mais projeções de I, mas não apresentam nenhuma projeção de C. Brown (1973) sugere que no período de aquisição da linguagem a criança passa por uma *Fase Telegráfica* (Telegraphic Stage; 24 a 30 meses), período

⁷ Rizzi (1991b) e Felix (1990), no entanto, afirmam que certos traços são selecionados universalmente, independentemente da língua.

durante o qual vários elementos, como a flexão, determinantes, auxiliares, além de outras categorias funcionais, estão completamente ausentes ou são pouco produzidos. Tal observação levou à hipótese de que a gramática infantil tem base semântica (Bowerman 1973; Schlesinger 1971), isto é, não expressa relações estruturais, construindo apenas relações temáticas ou semânticas. Essa generalização levou, algumas décadas mais tarde, à Hipótese da Pequena Oração (*Small Clause Hypothesis*, Radford 1986, 1987, 1990), segundo a qual as crianças começariam com projeções máximas de núcleos lexicais, i.e., *small clauses*, e acrescentariam gradualmente as categorias funcionais DP, IP, CP e suas projeções ao longo do desenvolvimento da fala. Por outro lado, Meisel (1991) e Pierce (1992 cf. Müller 1994) sugerem que as frases infantis são, na verdade, VPs.

Outros trabalhos, como o de Hyams (1994) e Weissenborn (1990), argumentam em favor da existência de estruturas completamente articuladas, mas sem especificação morfológica. Müller (1994) refere-se a esse tipo de hipótese como Hipótese do esqueleto (*skeleton-hypothesis*). Hyams (1994) propõe que as crianças apresentam tanto projeções mínimas quanto projeções máximas das categorias funcionais, isto é, IP e CP. Em sua proposta, IP pode ser dividido em duas ou mais projeções nucleares, dependendo da língua a ser adquirida, de modo que a criança nasce com uma estrutura que contenha CP e IP.

De acordo com Hyams, uma evidência disso são os efeitos V2 (em línguas V2) e perguntas *qu-* que aparecem ao mesmo tempo em que os dados de aquisição indicam a presença de IP. Tal abordagem sugere que os efeitos V2 estão necessariamente relacionados ao sistema I da gramática adulta e, conseqüentemente, a presença ou ausência de efeitos V2 é tida como um indicador da presença ou da ausência de CP na gramática infantil.

O trabalho de Soares (2006), que discute as perguntas *qu-* na língua infantil do português europeu, traz evidências de que no período mais precoce do desenvolvimento da linguagem (1;10-4) pelo menos uma categoria dos complementizadores é projetada. Soares propõe, assumindo a hipótese da periferia esquerda do CP (Rizzi 1997), que essa categoria é *qu-*, um núcleo operador cujo especificador hospeda frases *qu-*, e argumenta que o movimento do verbo para CP é uma operação não disponível na gramática da criança, ainda que o sistema adulto a permita. Sua hipótese é a de que o CP é ativado, na gramática infantil, por meio do movimento de XP e não pelo movimento do verbo, o que é corroborado pela ordem estrita entre tópicos e elementos *qu-* encontrada nas perguntas *qu-* de seus dados. Soares também afirma que o

movimento V-para-C não é uma operação válida para a criança, ainda que a gramática adulta o permita.

Outra abordagem sugere que a gramática infantil apresenta a possibilidade de truncar as projeções máximas da sentença, uma vez que o axioma que determina que CP é uma categoria raiz na gramática adulta ainda não está operante (Rizzi 1994). Consequentemente, o fato de que as crianças produzem estruturas truncadas explica a possibilidade de fenômenos como as infinitivas-raiz e sujeitos nulos em línguas não *pro-drop*. Guasti & Rizzi (1996) e Guasti (2000) argumentam que a omissão de auxiliares em perguntas *qu-* com verbos no gerúndio na fala de crianças adquirindo o inglês ocorre devido ao fato de a estrutura estar truncada abaixo de ForceP. Por outro lado, quando CP é ativado na fala infantil por material lexical com perguntas *qu-*, todas as projeções mais baixas são projetadas obrigatoriamente.

2.2. Hipótese

Com visto acima, o alemão pode ser descrito como uma língua V2 que privilegia uma ordem subjacente O-V-INFL (Müller 1994:238). O fenômeno V2 nas sentenças matriz dessa língua ocorre devido ao movimento do verbo finito para C e pelo movimento de qualquer projeção máxima para [spec, CP]. Contudo, nas sentenças encaixadas, esse movimento não ocorre, uma vez que C está ocupado pelo complementizador. No inglês, a ordem linear V2 ocorre com o verbo em I, havendo movimento para C somente em negativas e interrogativas *qu-*. Nas subordinadas, diferentemente do que ocorre no alemão, o verbo permanece em segunda posição. Como hipótese, especula-se que o inglês e o alemão se comportam de maneira semelhante em relação à posição linear do verbo nas sentenças matriz, sendo esperado que os resultados da análise quantitativa sejam semelhantes nas duas línguas na fase mais inicial da aquisição da linguagem. Supomos que a aquisição das sentenças encaixadas represente um momento importante na aquisição do inglês e do alemão, uma vez que, na gramática adulta, o inglês apresenta ordem V2 linear nesse tipo de construção, ao passo que o alemão não o faz. Assim, temos que é a partir desse momento a criança identifica traços de uma gramática com V2 residual, de um lado, e V2 prototípico (assimétrico) de outro.

Além disso, assumimos, como Hyams (1994), que as crianças apresentam projeções mínimas e máximas das categorias funcionais, preenchendo-as à medida em que vão adquirindo novos elementos da sintaxe. Com base nisso,

também supomos que os efeitos V2 e as perguntas *qu-* apareçam simultaneamente às evidências da presença de IP no *corpus* utilizado, sendo a aquisição de *qu-* essencial para que a criança adquirindo o inglês verifique que sua língua seja de V2 residual e não de V2 prototípico. Desse modo, os efeitos V2 estariam necessariamente relacionados ao sistema I da gramática adulta, como explicitado acima.

3. METODOLOGIA

3.1. *Corpus* e procedimentos metodológicos

O *corpus* montado para este trabalho, oriundo da base CHILDES⁸, consiste em oito transcrições de gravações da fala de duas crianças, uma adquirindo o inglês britânico (Lara) e outra adquirindo o alemão (Simone), sendo quatro gravações para cada criança em diferentes idades. As gravações referentes ao inglês cobrem um período de dois anos, com intervalos de seis meses entre cada gravação; deste modo foram utilizadas gravações da criança nos diferentes estágios de desenvolvimento: 1;9, 2;3, 2;9 e 3;3. As amostras de fala da criança alemã cobrem o mesmo período, com o espaçamento entre as idades ligeiramente diferente: 1;9, 2;4, 2;9 e 3;3. Dos *corpora* analisados foram extraídas um total de 1.059 orações, que foram submetidas à seguinte codificação: (i) identificação da criança: Lara (L); Simone (S); (ii) *corpus*: 1 (Lara, 1;9); 2 (Lara, 2;3); 3 (Lara, 2;9); 4 (Lara, 3;3); 5 (Simone, 1;9); 6 (Simone, 2;4); 7 (Simone, 2;9); 8 (Simone, 3;3); (iii) tipo de sentença: (M) matriz e (E) encaixada; (iv) tipo de sentença: Afirmativa (A); Negativa (N); Imperativa (I); Interrogativa (W); (v) posição do verbo: V1, V2 e V3 e (vi) tipo de elemento na posição de tópico: AdvP (A); NP (S); CP (C); Nulo (N); WH (W); NegP (N). Uma vez codificados, os dados foram rodados no programa estatístico-computacional GoldVarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2012) para a obtenção dos valores percentuais das categorias controladas.

4. RESULTADOS E ANÁLISE

De um total de 1.059 orações colhidas nas transcrições 1.028 são sentenças matriz e 31 são encaixadas. 20 dados pertencem ao *corpus* 1, 185 dados ao *corpus* 2, 140 dados ao *corpus* 3, 411 dados ao *corpus* 4, 7 dados ao *corpus* 5, 138 dados ao *corpus* 6, 39 dados ao *corpus* 7 e 119 dados ao *corpus* 8. De maneira geral, o *corpus* do inglês apresentou mais exemplos do que os do alemão, somando 756 dados,

⁸ Child Language Data Exchange System (CHILDES), disponível em <http://childes.psy.cmu.edu/>

ainda que sua extensão seja semelhante, com exceção do *corpus* 5, que é bastante curto. O *corpus* do alemão somou 303 dados.

Foi interessante notar que a criança adquirindo o alemão demorou mais tempo, ao menos no que respeita às transcrições aqui analisadas, para começar a produzir sentenças com todas as posições preenchidas do que a criança adquirindo o inglês, sendo seu discurso muito mais fragmentado. Além disso, vale destacar que o discurso da criança alemã apresentou muitas orações com a primeira posição da sentença vazia.

A fragmentação no *corpus* do alemão mencionada acima (e na fala de crianças ainda muito novas, de modo geral) se deve, provavelmente, à *Fase Telegráfica* de Brown (1973) e ao que Guasti (2002:80-81) menciona: “*children’s early productive vocabulary consists almost exclusively of nouns, regardless of the culture in which they are reared (...). Verbs appear later, and for a while they remain a minority*”⁹. Tal declaração justificaria a inconstância observada no primeiro *corpus* de Simone, ainda que o mesmo não tenha sido observado no primeiro *corpus* de Lara. Naturalmente, isso também pode se justificar pela personalidade da criança, por motivos de introversão, pela própria situação da entrevista etc.

Também foi interessante notar que apenas 3% do *corpus* é composto por sentenças encaixadas. Ao se comparar os dois *corpora*, a proporção de encaixadas no inglês e no alemão foi bastante semelhante, sendo 15 sentenças do *corpus* do inglês e 16 do *corpus* do alemão. Em relação à idade em que essas sentenças começaram a ser produzidas, observou-se que o *corpus* do alemão só apresenta dados a partir de 3;3. Já o *corpus* do inglês dá indícios de encaixadas com 2;3 (2 ocorrências) e com 2;9 (3 ocorrências), mas a maioria das sentenças produzidas foi aos 3;3 (10 ocorrências).

Em relação às frases matriz, de modo geral, observou-se que a criança adquirindo o inglês se comporta de modo muito semelhante à criança adquirindo o alemão, em relação à posição linear do verbo na sentença. Mais da metade das sentenças analisadas apresenta o verbo na segunda posição, somando 64% dos dados do inglês e 65% dos dados do alemão. Tal resultado era o esperado, uma vez que esta é a posição *default* do verbo nas sentenças matriz afirmativas (que foram as mais frequentes no *corpus*), como pode ser observado nos exemplos em (4) e (5) abaixo:

⁹ O vocabulário inicial das crianças é composto quase exclusivamente por nomes, independentemente da cultura na qual estão introduzidas (...). Os verbos surgem posteriormente e, por um tempo, representam uma minoria. [minha tradução].

-
- (4) a. I got this one. (L 2;3)
Eu tenho esse um.
b. This is Amy.
Essa é Amy. (L 2;6)
- (5) a. Das ist unser. (S 2;4)
Isso é nosso.
b. Du bist jetzt doof. (S 2;6)
Você é agora bobo.

As outras ordens observadas – verbo na primeira posição e verbo na terceira posição – mostraram-se menos frequentes que V2. As sentenças em que o verbo ocupa a primeira posição eram, em sua maioria, imperativas e interrogativas polares¹⁰, como exemplificado em (6) e (7), porém, algumas fogem à regra, como as citadas em (8), em que se observam sentenças com inversão de sujeito (8a) e sujeito nulo (8b) no alemão.

- (6) a. Bring them back. (L 2;9)
Traga eles [de] volta.
b. Guck mal die Wolken. (S 2;9)
Olhe lá as nuvens.
- (7) a. Can I have some more pudding? (L 3;3)
Posso eu ter um pouco mais [de] pudim?
b. Willst du das Kaugummi haben? (S 3;3)
Quer você o chiclete ter?
- (8) a. Muß ich mal angucken. (S 2;9)
Devo eu lá ver.
b. *bin kein Baby. (S 3;3)
Sou nenhum bebê.

Os exemplos em (8) mostram dados bastante interessantes, pois expõem estruturas muito pouco prováveis na fala adulta. Em alemão a inversão sujeito-verbo é bastante comum, mas não nos termos de (8a), uma vez que o verbo em primeira posição só é permitido em contextos de imperativas e interrogativas. Do mesmo modo, (8b) expõe uma estrutura com verbo em primeira posição e sujeito nulo, gerando uma sentença agramatical. As sentenças em que ocorreu ordem V3 foram como as exemplificadas em (9).

¹⁰ A ordem V1 é mesmo a ordem *default* nesses contextos.

-
- (9) a. You not do this. (L 2;3)
Você não faz isso.
- b. what this one bought (L 2;3)
O que esse comprou?
- c. Tobias nich(t) hau(e)n. (S 2;9)
Tobias não cortar.
- d. Erst mal Mone kann. (S 2;9)
Primeira vez Mone pode.

Note-se que a ordem V3 ocorre com sentenças negativas em ambas as línguas, contudo, são produzidas com interrogativas *qu-* apenas em inglês. Por outro lado, ocorrem com verbos modais somente em alemão, o que poderia estar relacionado também com a aquisição de verbos auxiliares. Também vale comentar, em relação à posição do verbo que, ainda que ambas as línguas apresentem dados de V1 como a segunda ordem mais relevante do *corpus* e V3 como a menos frequente, é de se notar que o inglês apresenta maior percentual de V1 (34% contra 28% do alemão) e o alemão, por outro lado, apresenta mais dados de V3 do que o inglês (7% contra 2% do inglês).

Para observar em mais detalhes a posição do verbo, foi feita uma comparação entre a posição do verbo relativamente aos *corpora* de cada idade, para ver em que medida a idade da criança influencia na aquisição da sintaxe do verbo. Com isso, foi possível observar que independentemente da idade e da língua em análise, a preferência, na ordem linear, é sempre pelo verbo na segunda posição e que os percentuais são muito semelhantes se compararmos uma criança com a outra, em todos os períodos. Contudo, é interessante notar que à medida em que as crianças crescem, crescem também as porcentagens de verbo na segunda posição. Assim, a criança adquirindo o inglês com 1;9 apresentou 55% de sentenças com essa ordem, enquanto a criança adquirindo o alemão apresentou 57%; com 2;3 a criança britânica aumenta o percentual para 65% e a alemã para 70%, a partir do que parecem se estabilizar os percentuais, que se mantêm semelhantes até 3;3. Destaca-se, ainda, que a criança adquirindo o alemão apresenta percentuais mais altos para as sentenças com ordem V2 do que a criança adquirindo o inglês, mas, ainda assim, estes são bastante próximos.

Em relação às encaixadas, como dito anteriormente, o *corpus* do inglês apresentou um total de 15 sentenças contra 16 sentenças do alemão. Ressalte-se que a criança adquirindo o inglês começa a produzir encaixadas com 2;3, ao passo que a criança adquirindo o alemão começa a produzi-las com 3;3, possivelmente

devido ao fato de, em alemão, V2 não se aplicar nas subordinadas. Em inglês todas as ocorrências de encaixadas foram com ordem linear V2; em alemão, a ordem V3 é a prototípica, como se observa na linguagem adulta.

A criança adquirindo o inglês começa a produzir sentenças encaixadas com 2;3, a partir do que as ocorrências vão aumentando, até chegarem em seu auge, com 3;3. A criança adquirindo o alemão só produz esse tipo de sentenças no último estágio analisado, com 3;3. No inglês os dados de V2 e V3 permanecem constantes em todas as faixas etárias, com exceção de V1, que diminui à medida em que o número de encaixadas aumenta, passando de 15% com 1;9 a 1% com 3;3. Em alemão as ocorrências de encaixadas também não parecem influenciar no *corpus*, havendo apenas um aumento de V3 com 3;3, passando a 15%. Aparentemente, ao menos no que tange ao *corpus* aqui utilizado, a aquisição de encaixadas não é muito relevante na percepção do tipo de língua adquirido pela criança.

Com o intuito de observar a aquisição da sintaxe em relação ao tipo de sentença, especialmente no que respeita à aquisição de interrogativas, os dados foram submetidos a uma nova rodada da qual se obteve a distribuição do tipo de sentença em relação à cada faixa etária. Em relação às afirmativas, não parece haver problemas para nenhuma das duas crianças, em qualquer idade. Em relação às interrogativas, os dados sugerem que a criança adquirindo o inglês passa a utilizar este tipo de construção com mais frequência a partir de 2;3, tendo maior frequência com 3;3. A criança adquirindo o alemão mostra um comportamento oposto, mas tal resultado se deve provavelmente à extensão do *corpus* utilizado do alemão.

A criança adquirindo o inglês começa a produzir interrogativas qu- com mais frequência a partir de 2;3, apresentando uma queda nos dados por volta dos 2;9 e aumentando novamente a frequência com 3;3. Os dados corroboram, em parte, o que afirma Soares (2003), para quem 3;3 é a faixa etária em que as crianças adquirem complementizadores. Os dados do alemão se mantêm constantes em relação a esse tipo de interrogativa. Por outro lado, as interrogativas polares aumentam consideravelmente em ambos os *corpora*. Mais uma vez, os dados se mostraram pouco conclusivos em relação à hipótese que formulamos.

A análise das imperativas também mostra resultados pouco conclusivos: a criança adquirindo inglês apresenta um percentual de 30% das orações com 1;9, reduzindo esse número progressivamente ao longo dos meses. A criança adquirindo o alemão não produz nenhuma oração imperativa com 1;9 e, a partir

dessa idade, aumenta seus percentuais para 12%, 13% e 9%, respectivamente. Em relação às negativas, os resultados sugerem que as crianças com 1;9 ainda não adquiriram ou não utilizam com muita frequência as sentenças negativas.

Com o objetivo de observar a posição do verbo relativamente ao tipo de sentença, os dados desses dois fatores também foram cruzados. O resultado indicou que os tipos de frase que favorecem a segunda posição do verbo diferem pouco ao se comparar o inglês e o alemão. Em relação à ordem V1, a maioria ocorre com interrogativas polares e imperativas do inglês, seguidas pelas afirmativas e imperativas do alemão. Favorecem a ordem linear V2 as afirmativas do inglês e do alemão majoritariamente. Em relação às sentenças com o verbo na terceira posição, são mais frequentes as afirmativas.

Em relação ao tipo de elemento que ocupa a posição de [spec, CP], relativamente às sentenças com ordem V2, observou-se que a maioria dos exemplos com verbo na segunda posição apresenta um NP na posição de [spec, CP], como exemplificado em (10). Em seguida, aparecem as construções em que primeira posição é ocupada por um AdvP e um elemento *qu-*, como exemplificado em (11) e (12), respectivamente. As construções com um NegP em primeira posição ocorrem somente em alemão.

- (10) a. Dadaw do it. (L 1;9)
Dadaw fez isso.
- b. Ich brauch auch was. (S 2;3)
Eu preciso também de algo.
- (11) a. All fall down. (L 2;3)
Tudo cai.
- b. Da sind noch welche. (S 2;4)
Ali estão ainda alguns.
- (12) a. What's that? (L 1;9)
O que é isso?
- b. Wo ist butter? (S 1;9)
Onde está manteiga?

De modo geral, se observou que a criança adquirindo o inglês tem preferência por um NP em primeira posição, o que verifica a hipótese de que o inglês é mais restrito em relação à função sintática e Caso do sintagma que ocupa a primeira posição em sentenças com V2 linear. Além disso, vale destacar que,

linearmente, as duas línguas apresentam porcentagens semelhantes, ainda que a extensão dos *corpora* seja bastante diferente.

Como visto anteriormente, as línguas V2 são caracterizadas pelo fato de o verbo ocupar sempre a segunda posição, podendo a primeira posição ser ocupada por qualquer elemento. Contudo, é necessário diferenciar as gramáticas do inglês e do alemão: em línguas V2 nos moldes do alemão, por uma propriedade que essas línguas teriam de acionar o nível CP, o verbo se move, necessariamente, para essa posição e [spec, CP] é a posição para a qual se move um XP qualquer. No inglês, nas sentenças com ordem SVO podemos ter o verbo em I e o NP sujeito em [spec, IP].

Sendo assim, o inglês e o alemão, aparentemente, se aproximam quanto ao fato de o verbo ocupar a segunda posição na sentença na superfície. Entretanto, o tipo de estrutura que subjaz a essas construções é diferente, visto que em inglês não é possível preencher a primeira posição da sentença com *qualquer* elemento, como acontece em alemão. Os exemplos abaixo em (13) mostram sentenças do inglês que, se não são agramaticais, são, no mínimo, pragmaticamente estranhas¹¹:

- (13) a. John **bought** a book.
John comprou um livro.
b. ?A book **bought** John.
Um livro comprou John.
c. Everybody **likes** milk.
Todos gostam de leite.
d. ?Milk **likes** everybody.
Leite gosta de todos.

Exemplos como os acima deixam claro que o inglês e o alemão consistem em duas gramáticas diferentes. Para a criança adquirindo o inglês, a posição [spec, IP] é ocupada por um NP que aciona a concordância e satisfaz o traço EPP de I. Para a criança adquirindo o alemão, embora [spec, IP] possa ser a posição para a qual o sujeito se move, seu lugar final de pouso é [spec, CP]. Assim, [spec, CP] teria uma espécie de traço EPP que exigiria sempre a presença de um constituinte.

Contudo, os dados de fala infantil trazem à tona um fato importante: a semelhança entre as duas línguas na ordem linear não poderia confundir a

¹¹ Note-se que os exemplos em questão não envolvem nenhum tipo de focalização.

criança que adquire uma e outra língua? O fato de os dados apresentarem contagem semelhante no que tange à ordem V2 nas sentenças matriz e o tipo de constituinte que aparece na primeira posição poderia sugerir que sim. No entanto, os trabalhos de Westergaard (2006, 2008) mostram que as crianças têm facilidade em aprender construções com baixa frequência no *input* e até mesmo estruturas que representem exceções a regras gerais. Sendo assim, ainda que a maior parte dos dados, tanto do inglês quanto do alemão, sejam de estruturas com V2 linear, os aprendizes são capazes de adquirir estruturas que especifiquem a gramática de sua língua como sendo uma ou outra. A possibilidade de estruturas como as exemplificadas em (13c, d) em alemão e a impossibilidade das mesmas em inglês possivelmente é uma evidência, uma vez que a primeira língua as apresentaria no *input*, enquanto a segunda não.

Além disso, chama atenção o fato de o alemão apresentar 26% de ocorrências de afirmativas-matriz V2 frente a 52% de estruturas superficialmente semelhantes em inglês. O que deve se diferenciar, nesse caso, é que as estruturas com verbo em segunda posição no inglês não são estruturas V2 verdadeiras. Portanto, é possível afirmar que a restrição de Caso do elemento que ocupa a primeira posição na sentença no inglês poderia ser um dos *inputs* necessários para que a criança que adquire o inglês compreenda que sua língua não é V2 verdadeira. Por outro lado, a criança adquirindo o alemão, ao receber como *input* sentenças com fronteamto de objeto, perceberia sua língua como V2. Provavelmente é por esse motivo que exemplos como (14) são produtivos na fala infantil do alemão, mas não em inglês:

(14) **zusammen machen** die Eisenbahn. (S 2;3)

Juntos fazer o trem.

Montar o trem juntos.

Voltando à hipótese de Hyams (1994), os dados parecem ser compatíveis com a proposta de que a fala infantil apresenta as projeções para as categorias funcionais, que são preenchidas ao decorrer do desenvolvimento da fala de maneira diferente para as duas línguas, uma vez que é evidente um estágio telegráfico que é gradualmente superado em ambos os *corpora*. O resultado disso seria justamente os efeitos V2 e perguntas *qu-* que aparecem em uma fase aproximada, indicando a presença de IP e CP. No caso do alemão, há indícios de movimento do XP fronteado e verbo em C em todas as afirmativas matriz, com exceção das imperativas, o que se mostra mais evidente por volta dos 3 anos de idade. No caso do inglês, o movimento do verbo para C só parece ocorrer nas

sentenças negativas e interrogativas wh, o que corrobora a descrição desta língua como sendo de V2 residual; no restante das ordenações o verbo se mantém em I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo analisamos dados de fala de crianças adquirindo o inglês britânico e o alemão, em diferentes fases, com o objetivo de observar seu comportamento em relação à aquisição da posição do verbo. Com base em Vikner (1995) assumimos que o alemão é uma língua V2 assimétrica, em que o verbo se move para C nas sentenças matriz, não apresentando V2 estrutural nas encaixadas, ocupando, portanto, a terceira posição da sentença. Por outro lado, o inglês se caracteriza como uma língua de V2 residual, na qual a posição mais alta para onde o verbo se move é I, movendo-se para C somente em interrogativas qu- e em sentenças negativas. Além disso, o inglês, nas construções encaixadas, apresenta o verbo em segunda posição linear, diferente do que ocorre em alemão.

Como hipótese, tínhamos que, justamente devido às particularidades de cada língua em relação ao verbo, a aquisição de encaixadas e interrogativas estaria relacionada à aquisição da gramática da língua materna com relação à posição do verbo. Desse modo, ao adquirir esses tipos de sentença, a criança estaria dando um passo em direção à aquisição de traços V2 ou não-V2. Contudo, os dados analisados foram pouco conclusivos.

Ainda que as hipóteses feitas inicialmente neste trabalho não tenham sido verificadas, a análise da fala de crianças adquirindo o inglês e o alemão mostrou resultados interessantes em relação à aquisição da posição do verbo nas duas línguas. Em relação à posição do verbo, nas sentenças matriz, a proporção de V2 linear é idêntica nas duas gramáticas. V3 é permitido em ambas, sendo que em maior proporção em alemão, o que não é de se esperar na gramática adulta, salvo em contextos específicos. Isso é, possivelmente, uma evidência de que, nessa faixa etária, a criança ainda não adquiriu por completo a gramática de sua língua materna.

Em relação à posição do verbo nas encaixadas, o inglês apresenta algumas ocorrências entre 2;3 e 2;9, com maiores incidências na idade de 3;3. O alemão, diferentemente, apresentou poucas ocorrências de V2 com 3;3. Em relação à ordem linear V3, somente o alemão apresenta dados, todos com 3;3.

Os dados de interrogativas qu- mostram que a criança falante de inglês começa a produzi-las com certa consistência a partir de 2;4. O alemão se comporta

de maneira distinta, mantendo taxas baixas para esse tipo de sentença, variando entre 0.5% a 1% desde 1;9.

Em relação ao tipo de elemento que ocupa a primeira posição na sentença, observamos que o alemão permite todo tipo de constituinte à frente do verbo, enquanto o inglês prefere, majoritariamente, um NP sujeito. Com isso verificamos a hipótese de que o inglês é mais restrito em relação à função sintática e Caso do sintagma que ocupa a primeira posição em sentenças com V2 linear. O fato de o alemão permitir fronteamto de objeto e de outros elementos e de o inglês não o permitir deixa claro que as duas línguas consistem em duas gramáticas diferentes. Como explicitado acima, para a criança que adquire o inglês, a posição [spec, IP] é ocupada por um NP que ativa a concordância e satisfaz o traço EPP de I. Para a criança adquirindo o alemão, ainda que [spec, IP] seja a posição para a qual o sujeito se move, sua posição final é [spec, CP]. Desse modo, [spec, CP] teria algo como um traço EPP, ou outro traço de outra natureza, que exigiria sempre a presença de um constituinte.

Além disso, notamos que o alemão apresentou 26% de ocorrências de afirmativas matriz com ordem V2 frente à 52% de estruturas superficialmente semelhantes em inglês. O que deve se diferenciar, nesse caso, é que as estruturas com verbo em segunda posição no inglês não são estruturas V2 prototípicas. Portanto, é possível afirmar que a restrição de Caso do sintagma que ocupa a primeira posição na sentença no inglês poderia ser um dos *inputs* necessários para que a criança que adquire o inglês compreenda que sua língua não apresenta V2 verdadeiro. Por outro lado, a criança adquirindo o alemão, ao receber como *input* sentenças com fronteamto de objeto, identificaria sua língua materna como sendo V2.

Os dados analisados parecem ser compatíveis com a ideia de que a fala infantil apresenta as projeções para as categorias funcionais (Rizzi 1994, Hyams 1994), que seriam preenchidas ao decorrer do desenvolvimento da fala de maneira diferente para as duas línguas, uma vez que é evidente um estágio telegráfico que é gradualmente superado em ambos os corpora. Uma consequência disso seriam os efeitos V2 (no alemão) e as interrogativas *wh*- que aparecem em uma fase aproximada, indicando a presença de IP e CP. No caso do alemão, há indícios de movimento do elemento fronteamto e do verbo para C em todas as afirmativas matriz. No caso do inglês, só se verifica o movimento do verbo para C em sentenças negativas e interrogativas *wh*, o que corrobora a descrição desta língua como sendo V2 residual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWERMAN, M. Early Syntactic Development. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. The theory of principles and parameters. *In*: J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternfeld, T. Vennemann (eds): *Syntax: An International handbook of cointemporary Research*. Berlin/New York.: Walter de Gruyter, 1993.
- CHOMSKY, N. Some notes on Economy of Derivation and Representation. MIT Working Papers in Linguistics. p. 43-74, 1989.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language, its nature, acquisition and use*, New York: Praeger, 1985.
- CLAHSEN, H. Constraints on Parameter Setting: A grammatical analysis of some acquisition stages in German child language. *Language Acquisition* 1.361-391, 1991.
- DEN BESTEN, H. On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. *In*: ABRAHAM, W. (org.). *On the formal syntax of the West Germania*. Amsterdam: John Benjamins, p.47-131,1983.
- FELIX, S. The Structure of Functional Categories: a general commentary. Meisel, p. 423-442, 1992.
- GUASTI, M. T. & RIZZI, L. Null aux and the acquisition of residual V2. *In*: Proceedings of the 20th Boston Conference on Language Development, Andy Stringfellow, Dalia Cahana-Amitay, Elizabeth Hughes and Andrea Zukowski (eds), 284-295. Sommerville: Cascadilla Press, 1996.
- GUASTI, M. T. An excursion into interrogatives in Early English and Italian. *In*: The acquisition of syntax: studies in comparative developmental linguistics, Marc-Ariel Friedemann and Luigi Rizzi (eds), 105-128, London, New York: Longman, 2000.
- GUASTI, M. T. *Language acquisition – the growth of grammar*. Cambridge: The MIT Press, 2002.
- HYAMS, N. V2, Null Arguments and COMP Projections. *In*: Teun Hoeksha & Bonnie D. Schwartz (eds) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*, John Benjamins, pp 23 – 55, 1994.
- KROCH, Antony. Morphosyntactic variation. *In*: BEALS, K. et al. (eds.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society. Parasession on Variation and Linguistic Theory*, 1994.
- MEISEL, J. & MÜLLER, N. Finiteness and Verb Placement in Early Child Grammars: Evidence from simultaneous acquisition of two first languages: French and German. *In*: MEISEL, J (ed). *The Acquisition of Verb Placement: Functional categories and V2 phenomena in language development*. Dordrecht: Kluwer, 109-138, 1992.
- MEISEL, J. *Early Grammatical Development: Verbal functional categories*. Manuscript, University of Hamburg, 1991.

MÜLLER, N. Erwerb und Wortstellung im Französischen und Deutschen: Zur Distribution von Finitheitsmerkmalen in der Grammatik bilingualer Kinder. Rothweiler, p. 127-151, 1990.

MÜLLER, N. Komplexe Sätze: Der Erwerb von COMP und von Wortstellungsmustern bei bilingualen Kindern (Französisch/Deutsch). Diss., University of Hamburg. *In: Tübinger Beiträge zur Linguistik (Language Development, 16.)*, Tübingen: Narr, 1991.

MÜLLER, N. Parameters cannot be reset – evidence of the development of COMP. *In: MEISEL, J. (ed). Bilingual First Language Acquisition: French and German grammatical development. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. p 235-269, 1994.*

PIERCE, A. Language Acquisition and Syntactic Theory: a comparative analysis of French and English child grammars. Dordrecht: Kluwer, 1992.

PLATZACK, C. & HOLMBERG, A. The role of AGR and Finiteness in Germanic VO languages. *In: Scandinavian Working Papers in Linguistics*, p. 51-76, 1989.

POEPEL, D. & WEXLER, K. Finiteness and V2 Effects Implicate the Existence of Functional Categories and Head Movement in Early German Grammar. Paper presented at the 16th Annual Boston University Conference on Language Development, Boston, 1991.

RADFORD, A. Small Children's Small Clauses. Bangor Research Papers in Linguistics, p. 1-38, 1986.

RADFORD, A. The acquisition of the complementizer system. Bangor Research Papers in Linguistics, p. 55-76, 1987.

RADFORD, A. Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

RIZZI, L. Residual Verb Second and the Qu- Criterion. *In: Technical Reports on Formal and Computational Linguistics. p1-28, 1991b.*

RIZZI, L. Some notes on linguistics theory and language development: The case of root infinitives. *Language Acquisition* 3(4): 371-393, 1994.

ROBERTS, I. & HOLMBERG, BIBERAUER et al. Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory. Cambridge University Press, p.1-58, 2009.

ROBERTS, I. Linearisation. Seminário apresentado na Unicamp em Junho, 2016.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S.A. & SMITH, E. Goldvarb X. Department of Linguistics, University of Toronto, Toronto, Canada. <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>, 2012.

SCHLESINGER, I. Production of Utterances and Language Acquisition. *In: SLOBIN, D. (ed.). The Ontogenesis of Grammar. New York: Academic Press, 1971.*

SOARES, C. The C-domain and the acquisition of European Portuguese: The case of qu-questions. *In: Probus. Volume 15, Issue 1, p.147-176, 2006.*

VIKNER, S. Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages. Oxford: Oxford University Press, 1995.

WEISSENBORN, J. Functional Categories and Verb Movement: The acquisition of German syntax reconsidered. Rothweiler, p. 190-224, 1990.

WESTERGAARD, M. Acquisition and change: On the robustness of the triggering experience for word order cues. *Lingua* 118: 1841–1863, 2008.

WESTERGAARD, M. Triggering V2: The amount of input needed for parameter setting in a Split-CP model of word order. In Adriana Belletti, Elisa Bennati, Cristiano Chesi, Elisa Di Domenico & Ida Ferrari, eds. *Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2005*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 564–577, 2006.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 29 de setembro de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016.